


NATUREZA, PAISAGEM E CONTEMPLAÇÃO: RELATO SOBRE O TOUR AOS PINGUINS AZUIS NA NOVA ZELÂNDIA

Recebido em: 10/03/2024

Aprovado em: 02/05/2024

Licença: 

*Cynthia Lopes da Silva*¹

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Curitiba – PR – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-7979-0337>

*Gisele Maria Schwartz*²

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Rio Claro – SP – Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-1599-5314>

*Emerson Luis Velozo*³

Universidade Estadual do Centro-Oeste – Campus Irati (UNICENTRO)

Irati – PR – Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-6816-4456>

RESUMO: Este trabalho teve como objetivo relatar a experiência vivida no tour aos pinguins azuis na cidade de Dunedin, Nova Zelândia. Foi feita uma descrição das observações assistemáticas realizadas no passeio, com base em anotações feitas em diário de campo, caracterizando este trabalho como um estudo exploratório baseado em relato de experiência. Foi realizado, ainda, o duplo exercício de estranhamento e familiarização com o diferente, para se buscar a familiaridade, a qual possa ser transformada em reflexões sobre o lazer na contemporaneidade. Para adensar a compreensão acerca da experiência vivenciada, também houve o apoio de revisão de literatura sobre natureza, paisagem, lazer e contemporaneidade. Os resultados obtidos indicam que o tour aos pinguins azuis é um exemplo das múltiplas possibilidades no lazer, de se vivenciar a contemplação como uma forma de resistências às características das grandes cidades, na atualidade.

¹ Professora Doutora na Universidade Federal do Paraná (UFPR), vinculada ao Departamento de Educação Física e ao Programa de Pós-graduação em Educação. Líder do CORLILAZ - Grupo de Estudo e Pesquisa em Corpo, Linguagem e Lazer – UFPR. Membro da Secretaria Estadual do Paraná do CBCE, gestão 2024-2026. Vice-coordenadora do GTT Lazer e Sociedade do CBCE, gestão 2023-2025. Membro do corpo de diretores do BRICSCCESS – Council of Exercise and Sports Science.

² Professora Doutora Adjunto Aposentada do DEF/IB/UNESP - Rio Claro/SP. Pesquisadora no LEL - Laboratório de Estudos do Lazer – GERE/UFU e no CORLILAZ - Grupo de Estudo e Pesquisa em Corpo, Linguagem e Lazer – UFPR.

³ Professor Doutor Associado do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Campus Irati/PR. Está vinculado ao Grupo de Estudo e Pesquisa Educação, Cultura e Contemporaneidade e ao Laboratório de Estudos do Corpo, Educação e Humanidades (UNICENTRO). Membro do CORLILAZ - Grupo de Estudo e Pesquisa em Corpo, Linguagem e Lazer – UFPR.

PALAVRAS-CHAVE: Natureza. Paisagem. Lazer.

**NATURE, LANDSCAPE AND CONTEMPLATION: REPORT ON THE TOUR
TO THE BLUE PENGUINS IN NEW ZEALAND**

ABSTRACT: This work aimed to report the experience of the blue penguin tour in the city of Dunedin, New Zealand. A description of the unsystematic observations carried out on the tour was made, based on notes made in a field diary, characterizing this work as an exploratory study based on an experience report. The double exercise of estrangement and familiarization with what is different was also carried out, to seek familiarity, which can be transformed into reflections on leisure in contemporary times. To deepen the understanding of the experience, there was also support from a literature review on nature, landscape, leisure and contemporary times. Results indicate that the tour to the blue penguins is an example of the multiple leisure possibilities of experiencing contemplation as a form of resistance to the characteristics of large cities today.

KEYWORDS: Nature. Landscape. Leisure.

Introdução

Diversos estudos evidenciam os modos como as questões e os contextos sociais são capazes de moldar e influenciar o engajamento, ou a limitação de envolvimento em atividades do contexto do lazer, na atualidade (AGERGAARD; KAREN, 2024). Conforme esses autores, o estilo urbano do lazer contemporâneo já evidencia que as escolhas das vivências do âmbito do lazer não são realizadas, especificamente, de modo individual, autônomo e racional, como sempre foi preconizado, no que tange às características do lazer.

Para os referidos autores, ainda que esta visão individualista tenha predominado na modernidade, em que os sujeitos possuíam uma suposta autonomia para as escolhas, nas últimas décadas, as tendências são de grande influência da sociedade e de ideologias associadas aos impulsos de estilos de vida deflagrados universalmente, sobretudo, por meio das redes sociais e a partir de novas ofertas de vivências e equipamentos. Esta visão parece trazer uma noção mais universalizada a respeito de equidade de

oportunidades para o bem-estar social, pautada em políticas de promoção de saúde e inclusão social, o que também afeta a área de lazer (AGERGAARD; KAREN, 2024).

Essa sensação de universalidade das ações e práticas parece estabelecer relação com aquilo que Augé (2004) observou na supermodernidade, caracterizado pelas mudanças de escala, as quais produzem alterações nos meios de comunicação e de transporte e fazem com que referências, ora locais, atinjam níveis mais ampliados. Ortiz (2007, p 12) afirma: que “[...] o universal termina onde começam a cultura e a língua.”. Dessa maneira, se evidencia que o estudo da cultura sempre teve a característica de vinculação às noções de especificidade e de diferença, para explicação dos comportamentos dos grupos humanos, e por isso se distingue das perspectivas mais universalistas como aquelas que derivam da tradição do iluminismo.

Entretanto, nos seus estudos sobre sociologia da cultura, Ortiz (1999) demonstrou muito bem como a modernidade é atravessada pelos processos de mundialização da cultura. Elementos culturais que antes eram dotados de sentidos apenas locais, desenraizam-se das suas próprias nações e passam a se tornar referências mundiais, em processo semelhante ao que acontece com a globalização no âmbito da técnica e da economia. Com isso, passa-se a falar de mundialização da cultura, o que pode ajudar a compreender essa sensação de universalidade discutida por Agergaard e Karen (2024).

Em época de avanço nos processos de comunicação e de transporte, esse tipo de nexos se torna cada vez mais evidente e elementos até então tomados como distantes passam a dar sentido às coletividades. Desse modo, o comportamento passa a ser, frequentemente, tomado por uma razão mais social do que simplesmente individual.

É necessário verificar se essa noção mais universalizada (ou mundializada, como advoga Ortiz) realmente se concretiza em formas mais democráticas de oportunidade de

acesso aos bens culturais associados ao lazer que possam, concretamente, produzir saúde e inclusão social. O próprio acesso a um parque ou espaço de natureza, para usufruto no lazer, é afetado, na sociedade contemporânea, por elementos mercadológicos, o que pode, por vezes, transformar as possibilidades de vivências no lazer em mercadorias disponíveis somente aqueles que podem por elas pagar. Ressalta-se, a partir disso, a importância de políticas públicas que possam desenvolver a inclusão social no âmbito do lazer.

Na visão de Stiegler e Pieper (2024), o lazer contemporâneo, que está sendo delineado na era tecnológica, tem assumido novas direções, sobretudo apoiadas na evolução da indústria cultural. A velocidade de criação de novas ferramentas e de processamento de informações ressalta novas realidades, impulsionando o viver amalgamado com estas novidades, ainda em processo de assimilação, mas que já produzem elementos de persuasão, capazes de produzir novos estilos existenciais.

Stiegler e Pieper (2024) ainda ressaltam que esta velocidade típica da atualidade é capaz de fazer com que as impressões causadas pelo contato com as informações em um dia, podem ser eficientes para moldarem rapidamente as impressões sobre o mundo e sobre si próprio, já no dia seguinte. Os autores ainda revelam que as tecnologias propiciam, inicialmente, ambientes solitários de experimentações, porém, também oferecem acesso quase irrestrito a diversas informações, impactando a percepção, o pensamento e a cultura humanos e promovendo novos significados e desafios.

Na atualidade, as razões subjacentes às escolhas pelas diversas vivências do âmbito do lazer parecem estar pautadas, notadamente, no encantamento, ou na atração, provocado pelas informações divulgadas na internet. As reportagens e textos escritos, assim como, as imagens deflagradas por meio de fotos, pinturas, vídeos, *lives*, documentários, ambientes naturais orgânicos vivos utilizados em alguns filmes, ou

mesmo, ambientes artificialmente recriados em *games*, representam, hoje, cada vez mais, esse canto das sereias, sendo capazes de persuadir e sensibilizar para o engajamento ao lazer (KLEINERT, 2023). Evidencia-se que a exploração desses lugares e espaços é capaz de burilar e consolidar a compreensão acerca das dimensões pessoais que se tem sobre as paisagens, inicialmente, de modo contemplativo dessas imagens, mas também, posteriormente, na busca pela experiência de contemplação *in loco*. A autora ainda ressalta que, por meio da contemplação, se pode compreender a presença de uma energia produtiva advinda desses estímulos, no que concerne à paisagem imaginada ou vivenciada.

A ideia de contemplação, segundo Brasileiro (2013), já foi associada a um estilo de viver na Grécia antiga, o qual não envolvia, necessariamente produção e nem ação em si, sendo possível na ausência de cansaço e relacionado ao aproveitamento e desfrute da vida. Segundo a autora, essa noção perdeu força na Idade Média, porém, retorna na Renascença, associada a uma valorização do prazer e da liberdade propiciados por intermédio das artes e da cultura.

Na contemplação, há o desempenho de uma experiência vivida a partir da linguagem visual, constando de estímulos imagéticos artificiais, digitais, híbridos ou reais. Essa experiência, como relata Nalezty (2023), se assemelha, em espécie e em intenção, ao que ocorre em vivências com os jogos, as fábulas, as diversas festividades e as atividades teatrais, transcendendo as fronteiras típicas de cada um deles, podendo promover experiências associadas ao bem-estar e ao prazer.

Na perspectiva de Feger *et al.* (2024), cada experiência contemplativa é particular, em que cada um pode senti-la de diferentes maneiras, conforme sua sensibilidade e evocação de eventos emocionais, os quais transcorrem durante a vivência, dada sua subjetividade. Outra contribuição dos autores recai no argumento de

que o interesse pela busca de experiências de contemplação transcende o estímulo direto das características de determinado local, estando associada, inclusive, à busca por vivências que atendam certas expectativas próprias dos sujeitos.

Portanto, na contemplação há uma riqueza da vivência de aspectos subjetivos, os quais são deflagrados na interação do sujeito com o contexto. A qualidade dessa interação pode influenciar a percepção sobre a experiência vivida. Entram em jogo nessa interação, durante a contemplação, elementos como a invocação sensorial, as emoções e sentimentos ligados à parte afetiva, a cognição ao pensar sobre o momento, as reações corporais e relacionais, atrelando a identidade dos aspectos pessoais com os elementos geográficos, sociais e culturais presentes no ambiente. É com base na qualidade dessa interação, que se pode agregar valor à experiência e fazer com que ela possa estimular a busca por estilos de vida mais ativos e saudáveis.

Como esse aspecto da estimulação às vivências de atividades que possam impulsionar estilos de vida saudáveis é parte da meta educacional dos docentes no contexto escolar, parece ser importante oferecer oportunidade, ao próprio docente, de vivenciar a experiência contemplativa, ao ponto de sentir e racionalizar as potencialidades dessa prática no âmbito escolar.

Assim, ao se focalizar a potencialidade da contemplação no contexto escolar, a participação efetiva em experiências variadas, pode ser benéfica para a atuação docente, de diversas maneiras. No que diz respeito à relação experiência-prontidão para diferentes tipos de experiências, conforme ressaltam Scherer *et al.* (2023), as evidências apontam que, ao menos duas dimensões são fortalecidas, com base em experiências vividas, referentes a: 1-ampliação de conhecimentos, aprimoramento de habilidades específicas e reconhecimento de competências e 2- facilitação da prática docente.

Nesse sentido, a utilização de relatos de experiências de contemplação vividas, pode potencializar diversas dimensões associadas à prática docente. Com esta técnica, podem ser ressaltados os detalhes importantes das vivências, os quais podem favorecer a assimilação e a difusão dos detalhes associados à experiência contemplativa, sendo importante sua adoção como recurso técnico de pesquisas de caráter qualitativo (SCHERER *et al.*, 2023).

Sob essa perspectiva, este estudo teve por objetivo relatar a experiência vivida no *tour* aos pinguins azuis na cidade de Dunedin, Nova Zelândia. Essa experiência é um exemplo de como, no cotidiano das sociedades atuais, é possível vivenciar a contemplação e, seguindo a linha de pensamento dos autores anteriormente citados, esse tipo de vivência é benéfica para a atuação docente, que no caso, se refere a professores universitários, responsáveis por disciplinas específicas voltadas ao fenômeno sociocultural lazer.

Procedimentos Metodológicos

Este trabalho se baseia em estudo qualitativo. Segundo Minayo (1994), este tipo de investigação envolve significados, crenças, aspirações, que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Os procedimentos metodológicos adotados foram baseados em relato de experiência de uma docente de Ensino Superior da área de Educação Física, em estudo exploratório e revisão de literatura. Trata-se de um relato de experiência sobre o *tour* aos pinguins azuis, passeio de finalidade turística na cidade de Dunedin, Nova Zelândia. O passeio de contemplação aos pinguins azuis aconteceu por ocasião da participação no 17º Congresso Mundial do Lazer nessa localidade, em um dos dias sem atividades

formais. O passeio foi feito em dezembro de 2023 e acompanhado de um guia turístico local. O custo do passeio foi em torno de 380,00 reais e teve a duração de aproximadamente 4 horas. O deslocamento foi feito de carro modelo van, compartilhado com outros visitantes, sempre no período noturno. A cidade de Dunedin fica no sul da Nova Zelândia. É uma cidade pacata, com um pequeno centro comercial, rodeada de montanhas, vulcões e de preciosa natureza local. O local onde o passeio foi feito fica localizado na Península de Otago, onde é possível ver os pinguins azuis, em uma espécie de reserva ambiental. No local, além de observar os pinguins que se deslocam até a praia no período noturno, é possível avistar albatrozes e há também uma loja que vende *souvenirs* da região. Até a chegada neste local, a van passa por vários pontos da Península em que é bastante rico o contato com a natureza rodeada de animais silvestres.

A fim de se compreender a experiência vivida, neste artigo, foi feita uma aproximação aos estudos antropológicos, no exercício de familiarização e estranhamento do diferente, o qual possa ser transformado em reflexões sobre o lazer na atualidade, tendo como base as observações assistemáticas e as anotações em diário de campo, realizadas durante o passeio. Este tipo de perspectiva metodológica foi discutido de forma bastante criativa por DaMatta (1978), ao afirmar que, para a realização do trabalho etnológico, é necessária uma dupla tarefa, a transformação do exótico em familiar e do familiar em exótico. O relato da experiência é baseado nos seguintes pontos: 1- a expectativa inicial com relação ao passeio, 2- as observações feitas sobre a natureza e paisagem, 3- a impressão ao ver os pinguins e 4- o retorno.

Para análise e discussão da experiência vivida, além do duplo movimento de estranhamento-familiaridade, tem-se como base a revisão de literatura. Procurou-se buscar fundamentação para a discussão atual sobre natureza, paisagem, lazer e

contemporaneidade e, com isso, buscar subsídios teóricos para aprofundar a compreensão da experiência vivida, utilizando-se, para tanto, o Google Acadêmico e autores brasileiros clássicos e contemporâneos dos estudos do lazer e da antropologia. Para a compreensão dos textos selecionados, foram utilizadas as cinco fases de análises de Severino (2013), a saber: textual, temática e interpretativa, problematização e síntese pessoal.

Cenas da Experiência Vivida

1) A expectativa inicial com relação ao passeio

Inicialmente, a expectativa era de ver os pinguins em seu próprio *habitat*, já que as possibilidades de se ver pinguins, para quem vive no Brasil, são raras, por ser um país de temperatura mais elevada. Em alguns zoológicos do mundo, pinguins podem ser vistos em *habitats* reproduzidos artificialmente.

A procura pelo ponto de venda dos bilhetes levou ao centro da cidade, o local oficial. Havia outros pontos de venda, como no próprio congresso, mas, nesse caso, o bilhete foi adquirido no local oficial de venda, onde se obteve a informação de que, sem carro próprio ou alugado, o passeio seria feito em uma van, junto com outros passageiros e um guia turístico local, mostrando a natureza da região, sua história e descrição. Apesar do nome do passeio ser *Blue Penguins Tour*, o passeio seria mais do que somente os pinguins, pois aliava, inclusive, uma visita à parte da cidade cercada de flora e fauna muito particulares da região.

2) As observações feitas sobre a natureza e paisagem

O *tour* teve início com a saída da cidade em direção ao sul de Dunedin, momento em que se teve acesso a belíssimas paisagens, com natureza inóspita em meio a vulcões adormecidos e áreas cobertas por campos e montanhas. Com fauna muito

específica, foi possível avistar patos e seus filhotes, carneiros e filhotes, sem poluição ou qualquer tipo de agressão ao meio ambiente.

A flora era, também, de beleza única em pleno verão com tons verdes e coloridos. Porém, a região permanece fria praticamente o ano todo.

Esta paisagem aqui retratada é mais que um cenário, representando uma experiência estética, a qual ressalta, ao turista, um contraste com o ritmo acelerado das grandes cidades e capitais. Nas cidades cosmopolitas, apenas é possível fazer poucas observações da paisagem, por ser esta coberta de imagens, tecnologias de iluminação e propagandas, lojas e pessoas, como é possível observar em Auckland, também na Nova Zelândia.

3) *A impressão ao ver os pinguins*

A expectativa em ver os pinguins era grande. Ao se chegar ao local, foi possível visualizar um parque, onde vivem albatrozes e pinguins. Com base na explanação do guia, foi possível compreender que os pinguins saem do mar no período noturno, por isso o passeio é à noite. Em torno de 21h, eles saem do mar em grupo, em torno de uns 34 pinguins, e vêm até à areia.

A emoção de ver os pinguins ao natural foi grande, na linda praia. Repentinamente, aparecem manchas pretas nas ondas. São eles, vindo em grupos, até chegarem à praia e próximos a uma plataforma alta, preparada para a contemplação do grupo, aproximando os turistas dos pinguins, mas, sem tocá-los. Os pinguins, por sua vez, mostram estar habituados a este rito todos os dias, quando vão adormecer e botar ovos na praia.

Concomitantemente, existem os leões marinhos, os quais ficam à espreita, para atacarem os pinguins, em busca de comida. Esta cena, infelizmente, também foi

possível de ser contemplada. Apesar de chocante, ao se racionalizar a vivência, percebe-se que este é o ciclo da natureza.

4) *O retorno*

O retorno ocorreu aproximadamente as 22h30min. Estava bem frio no local. Já não se podia contemplar claramente a paisagem, pela escuridão. O silêncio era quebrado apenas pela movimentação das pessoas que voltavam para casa ou para seus hotéis.

Calmamente, o guia entrou na van e como se não tivesse passado já horas do passeio, sorrindo, perguntou se tínhamos gostado de ver os pinguins, sendo que todos que estavam na van responderam afirmativamente. O caminho de volta foi de reflexão sobre o que foi contemplado e vivenciado ao longo do passeio.

Apesar da sensação de cansaço, houve a reverberação de uma experiência gratificante, na qual se pode apreciar cada pedaço do trajeto. O guia, gentilmente, deixou todas as pessoas em seus destinos, dada à hora de término do passeio.

A compreensão da Experiência Vivida

Ao se fazer o exercício de estranhamento-familiaridade, pode-se notar que o passeio é um exemplo de vivência de contemplação no lazer. Essa perspectiva ressalta um contraponto ou resistência às características aceleradas das sociedades contemporâneas.

Augé (2004, p. 87) designa como “não-lugares”, aqueles que não marcam uma relação identitária (transporte, trânsito, comércio e lazer). Nesse sentido, espaços como aeroportos, estações ou supermercados, podem ser pensados como exemplos de “não-lugares”. Esses espaços são notáveis nas cidades grandes ou metrópoles.

Nessa perspectiva de não-lugares, Marc Augé trabalha com algumas ideias sobre as transformações aceleradas pelas quais passa o mundo contemporâneo, elementos que

devem servir para redirecionar o olhar na pesquisa etnográfica. O autor fala de três ocorrências da sociedade contemporânea, geradas por transformações na forma de compreender o tempo, o espaço e o ego, as quais denomina como figuras do excesso.

A primeira é a superabundância factual – a qual se relaciona com o tempo, com a percepção sobre ele e com seu uso. Augé (2004, p. 29) ressalta que a história se acelera e que "[...] apenas temos o tempo de envelhecer um pouco e nosso passado já vira história, nossa história individual pertence à história.". A aceleração da história anda junto com a multiplicação de acontecimentos, o que se constitui como superabundância factual, produzida pela superabundância na informação e suas interdependências no chamado sistema mundo.

Nesta perspectiva, o autor explica que a supermodernidade possui como modalidade essencial o excesso e, diante dele, surge a necessidade de dar sentido ao presente e não ao passado. Mudanças práticas na organização da vida social são produzidas, por exemplo, pelo prolongamento da expectativa de vida, a passagem para a coexistência de quatro e não mais três gerações. Portanto, é essa figura de excesso, o excesso de tempo, que definirá a situação de supermodernidade.

A segunda figura de excesso é a superabundância espacial – que se refere ao espaço e está associada a um certo encolhimento do planeta produzido pelas mudanças de escala com as quais os indivíduos se relacionam com o mundo. Tais mudanças são derivadas das transformações aceleradas nos meios de transporte e também, nos meios de comunicação, que possibilitaram a aproximação de pontos, os quais, antes, eram extremamente distantes.

A terceira figura de excesso é a individualização das referências – sendo esta produzida pelo retorno do foco no indivíduo, decorrente das transformações que afetam a reflexão antropológica, em função da ausência de “[...] novos campos, num universo

sem territórios, e de inspiração teórica, num mundo sem grandes narrativas.” (AUGÉ, 2004, p.38). Esta figura de excesso marca a supermodernidade como uma época de produção individual de sentido.

No passeio, o qual possibilitou a condição de contemplação, foco deste estudo, puderam ser observadas características diferentes daquelas das metrópoles contemporâneas, haja vista que, ao invés de um não-lugar, pode-se reafirmar a relação entre todas as coisas. Flora, fauna, seres humanos estavam integrados de modo harmônico, em uma espécie de paraíso, mediado pela temperatura fria.

Não se percebeu o excesso naquele momento. Ao invés disso, foi sentido o prolongamento do tempo, de modo que as pessoas puderam contemplar, durante 4 horas, belas paisagens da flora e a rica fauna local. Ao invés do encolhimento do espaço, percebeu-se um espaço infinito, destinado somente à visitação e à manutenção da fauna e da flora. Além disto, ao invés de uma produção individual de sentido, pode ser vista uma paisagem natural, marcada pelos olhares coletivos.

A relação com o tempo na contemporaneidade é tão marcada pelo signo da velocidade, que uma experiência de contemplação com a duração de 4 horas produz a sensação de um tempo mais ampliado, distinto daquilo que se está acostumado, na lógica temporal acelerada presente nas ações cotidianas. Em outros tempos, outras sociedades e culturas, essas mesmas 4 horas poderiam, até mesmo, ser percebidas como um período muito curto, visto que a dinâmica de mudança temporal era mais lenta, sobretudo nas chamadas sociedades tradicionais.

Augé (2004) sugere que a atualidade é caracterizada pela velocidade e aceleração, com superabundância de fatos e de informações. Lipovetsky (2004), por sua vez, sinaliza que a sociedade atual, por ele denominada como hipermoderna, é marcada pelo reinado da urgência e pela cultura do mais rápido e do sempre mais. Essas ideias

ajudam a perceber o modo como as transformações vividas na contemporaneidade afetam as relações pessoais com o tempo e impactam os processos de aquisição de conhecimento, dos quais a vivência contemplativa é um exemplo. A contemplação é um processo que demanda um modo específico de se comportar diante do tempo. Em contraponto à velocidade, a observação, mais lenta e cuidadosa, parece ser uma virtude no processo contemplativo.

A vivência relatada pode ser considerada como uma experiência coletiva de contemplação, em que as pessoas aguardam o tempo da outra, comentam discretamente o que sentem ao verem os pinguins e toda a paisagem ao redor. Assim, em uma primeira análise da experiência vivida no *tour* dos pinguins azuis, notou-se a presença de um elemento do lazer relativo à contemplação, a qual faz contraponto às diferentes formas contemporâneas de atividades comumente vivenciadas nas metrópoles, representando uma espécie de resistência às características da contemporaneidade, de acordo com Augé (2004). Essa resistência é menos a negação das características das sociedades atuais e mais uma escolha dentre outras possíveis nessa sociedade. Ao se fazer uma comparação, alguém que se interesse pela agitação, deslocamento, consumo de produtos diversos e a vivência de uma cidade pulsante de elementos da contemporaneidade, Auckland, na Nova Zelândia, talvez atendesse mais a este interesse, ao invés de ver patos, carneiros, pinguins e toda uma flora local na cidade de Dunedin. No entanto, se os sujeitos não passam pelas duas experiências, não têm ideia de como a contemplação pode se constituir como uma opção, diante de tantos incentivos nas sociedades contemporâneas e, inclusive, uma forma de resistir aos excessos dessas sociedades.

Já se pode afirmar que esta experiência pode fortalecer a primeira dimensão citada por Scherer *et al.* (2023), relativa à ampliação de conhecimentos, com aprimoramento de habilidades específicas. Com isto, existe o reconhecimento de

subsídios, os quais poderão imprimir mais eficácia para a aquisição de novas competências docentes.

Conforme se pode compreender, a partir dos autores tratados na introdução do texto, como Brasileiro (2013), Nalezty (2023), Feger *et al.* (2024), Scherer *et al.* (2023), a contemplação possui significativa potencialidade para o contexto da educação e, em especial, da educação escolar. Ferrater Mora (2000) destaca que a contemplação possui sentido original relacionado à visão e à teoria, por isso, vincula-se à ação de ver, de prestar atenção, de cuidar, de observar. Nesse sentido, há o estabelecimento de uma relação entre contemplação e teoria, como modo de produção de conhecimento. Contemplação e teoria possuem determinados elementos comuns e outros distintos, de modo que é praticamente impossível distinguir completamente uma noção da outra.

Isso liga a noção de contemplação à ideia de conhecimento, conforme afirma Abbagnano (2000), quando escreve que a vida contemplativa é o ideal de vida dedicada ao conhecimento. O debate sobre contemplação, na área da Filosofia, nas suas diferentes vertentes desenvolvidas ao longo da história, certamente contribui para que a noção seja pautada no campo da produção de conhecimento na educação, mesmo na sociedade contemporânea.

Toda a interação com a paisagem deslumbrante e com a natureza pródiga do local incitou sensações e emoções diversificadas, ampliando a percepção afetiva, conforme Feger *et al.* (2024) asseveraram. Além disto, ao se fazerem as reflexões posteriores, acerca da experiência contemplativa, pode-se valorizar os elementos cognitivos, capazes de deflagrar novas estratégias pedagógicas a serem adotadas no contexto escolar, no sentido de estimulação de estilos de vida mais ativos e saudáveis, cumprindo, assim, a segunda dimensão apontada por Scherer *et al.* (2023), a respeito da facilitação da prática docente.

A proposição do ato contemplativo em espaços de meio ambiente e natureza além de produzir conhecimento e estilo de vida saudável e ativo, colabora para a preservação destes locais e a construção de maior sintonia entre o humano e o planeta. A história mostra o quanto a natureza é dependente das relações estabelecidas pelos humanos, pois, são eles, quem definem, tantos os espaços que serão preservados, como aqueles que darão lugar a lavouras, criação de animais, prédios etc. Em um planeta em que, cada vez mais, se aumenta a devastação, as perspectivas pedagógicas que prezam pelo reencontro humano/natureza são extremamente necessárias.

Conforme exposto no segundo ponto relatado, nas cidades cosmopolitas são poucas as oportunidades de observação da paisagem natural, já que a mesma é encoberta por um conjunto de elementos como imagens, iluminação, propagandas, lojas, pessoas, entre outras coisas. Trata-se nesse caso, da noção específica de paisagem constituída pelo componente natureza e que, portanto, remete para o ambiente natural, selvagem, rural etc. Mesmo com a dificuldade de se verem as paisagens naturais nas cidades, é possível observar outro tipo de paisagem, a urbana, formada por um conjunto de elementos arquitetônicos e visuais, que lhe dá identidade própria.

É no campo da Geografia que o estudo da paisagem possui um lugar especial, como afirma Troll (1997, p. 1), que “[...] com a paisagem a geografia encontrou o seu objeto próprio [...]”. Neste mesmo campo, Schier (2003) discute as diferentes formas de abordar a paisagem, como a positivista, a neopositivista, a marxista, a sistêmica e a cultural. O autor afirma que a paisagem é um produto cultural, o qual envolve o meio ambiente sob ação da atividade humana e também adverte para o risco de se separar o natural do cultural, quando se consideram esses elementos como constituições independentes. Silveira (2008) estudou a paisagem a partir de uma análise que integra o

natural e o social, considerando que o recorte do seu espaço é arbitrário e que ela é produzida por práticas de sentido.

Seja a paisagem urbana, ou paisagem de um ambiente natural, como a descrita no relato, trata-se, sempre, de algo mediado pelas construções culturais presentes na sociedade. São elas que dão sentido e tornam esses ambientes em locais de visitação e de vivências no lazer. Reitera-se, portanto, a dimensão social envolvida na constituição de políticas e programas focados no desenvolvimento do lazer.

A imersão na paisagem da natureza, de corpo presente e com um tempo mais alargado, disponível para a contemplação, pode colocar os sujeitos em uma condição de observadores de elementos, os quais, talvez, estejam distantes daquilo que é possível ver em um cotidiano marcado pela vida cada vez mais associada à velocidade, presente nos contextos urbanos. O próprio observador da vida urbana encontra-se em processo de transformação, visto as mudanças ocorridas ao longo do último século. Featherstone (2000) chama a atenção para o declínio do *flâneur*⁴, que tinha o espaço público das ruas como o seu lugar e o perde, a partir da transformação gerada pelo surgimento das lojas de departamento, do *shopping center*, das ruas fechadas e dos hotéis isolados. O autor comenta que esses espaços não são necessariamente públicos, mas apenas semi-públicos, pois lá, os pobres e sem teto são automaticamente excluídos de ocuparem. Esta diminuição dos espaços públicos teria colocado restrições ao *flâneur*.

O passeio aqui relatado possibilitou um flânar na paisagem urbana, desde o centro da cidade, local onde foram adquiridos os bilhetes para o *tour*, passando o olhar para a observação dos campos e montanhas ao longo do caminho, até à esperada vista dos pinguins azuis e do seu comportamento em sintonia com o ciclo da natureza. Esse flânar contemplativo, longe de se configurar como uma atitude passiva de quem apenas

⁴ O termo *flâneur* que aqui utilizamos tem relação com o texto de Featherstone (2000), no qual ele trata do surgimento de novas formas de flâneria na sociedade contemporânea.

olha, tornou-se, na experiência, um processo disparador da produção de reflexões e conhecimento sobre natureza, paisagem, lazer e contemporaneidade. O *flâneur* discutido por Featherstone (2000, p. 192), buscava imersão nas sensações da cidade, desenvolvendo sua sensibilidade estética "[...] nas oscilações entre envolvimento e distanciamento.". Denota-se, aqui, a possibilidade de passagem para um flânar da cidade para as regiões de paisagem natural, ou de característica mais bucólica, produzindo reflexões de análise sobre a vida humana e sobre a natureza.

Conforme dito na introdução do texto, muitas das escolhas que definem as vivências no lazer são tomadas com base em informações divulgadas na internet. É nessa rede que, talvez, boa parte das pessoas faça suas primeiras contemplações sobre natureza e paisagem, porém, de forma virtual e ainda distantes do contato físico com a realidade, o qual pode ser estabelecido *in loco*. O *tour* dos pinguins azuis proporcionou a contemplação de um mundo natural que era, até então, observado apenas por meio das tecnologias de informação, como TV e internet.

Interessante perceber que, na atualidade, pelo menos numa perspectiva de quem vive no Brasil, muitas vezes, a vivência e contemplação da natureza *in loco* acabam se tornando possibilidades distantes para boa parte da população, seja em função das questões econômicas envolvidas, mas também, pelo lugar privilegiado que as vivências virtuais têm ocupado nas vidas dos sujeitos.

O lazer é um campo que tem muito a contribuir com a produção do conhecimento sobre a vida no planeta, sobre as relações que com ele se estabelecem e os cuidados a serem adotados, necessários para a preservação da vida e da saúde. A sociedade contemporânea, caracterizada pelas mudanças de escala, pela velocidade, pela aceleração e encurtamento do tempo, pode se beneficiar de reflexões geradas sobre o processo contemplativo junto às paisagens. Por meio do processo educacional, voltado,

sobretudo, para a educação para e pelo lazer, pode-se gerar persuasão em prol da adoção de estilos de vida mais saudáveis e sustentáveis. Com isso, podem ser arquitetadas novas formas de se lidar melhor com o tempo e de construir resistências genuínas, frente aos imperativos que afetam, de modo negativo, a qualidade existencial cotidiana, criando novos sentidos à natureza e à paisagem, revitalizando a relação ser humano-ambiente.

Considerações Finais

Este estudo se pautou no objetivo de relatar a experiência vivida no *tour* aos pinguins azuis na cidade de Dunedin, na Nova Zelândia. Com base na descrição realizada com anotações em diário de campo, a respeito das observações feitas ao longo de experiência contemplativa, pode-se perceber que os sentidos sobre as vivências ultrapassaram as sensações e reflexões pessoais, para se transformarem em experiência de contemplação coletiva.

A natureza, a paisagem e o impacto da própria experiência, foram pródigas para se perceber que o *tour* aos pinguins azuis é um exemplo das múltiplas possibilidades de vivências no lazer, apoiadas na contemplação. Assim, esta rica experiência contemplativa se projeta como uma forma de resistência às possibilidades limitadas de vivências naturais, características das grandes metrópoles, na atualidade.

O relato da experiência se apoiou nos 4 pontos anteriormente descritos, relativos a: 1- a expectativa inicial com relação ao passeio, 2- as observações feitas sobre a natureza e paisagem, 3- a impressão ao ver os pinguins e 4- o retorno. Esses elementos se integram nas ressonâncias da qualidade da experiência contemplativa vivida, reiterando a importância de novos estímulos, capazes de servir de subsídio para

deflagrar estratégias de enriquecimento da prática docente e da sensibilização à natureza.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- AGERGAARD, S.; KAREN, D. (Orgs.). **Social Issues in Sport, Leisure and Health**. Abingdon: Routledge, 2024.
- AUGÉ, M. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 4. ed. Campinas: Papirus, 2004.
- BRASILEIRO, M. D. S. O lazer e as transformações socioculturais contemporâneas. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, Braga, v. 1, n. 2, p. 90-108, 2013.
- DAMATTA, R. O ofício do etnólogo, ou como ter “antropological blues”. In: NUNES, E. de O. (Org.) **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- FEATHERSTONE, M. O *flâneur*, a cidade e a vida pública virtual. In: ARANTES, A. A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.
- FEGER, J. E.; MARYNOWSKI, J. E.; RECK, S. B.; GARCIA, R. F. R.; CARACRISTI, M. F. A. Experiência turística no Atrativo Serra do Espírito Santo situado no Parque Estadual do Jalapão (TO). **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 86-105, 2024.
- FERRATER MORA, J. **Dicionário de Filosofia**. Tomo I (A-D). São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- KLEINERT, C. Rubens and his landscapes: Reflections on the notion of ‘otium’. **Oud Holland–Journal for Art of the Low Countries**, Amsterdam, v. 136, n. 2-3, p. 103-124, 2023.
- LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- NALEZYTY, S. Playful Pictures: Art, leisure, and entertainment in the Venetian. **Journal of the History of Collections**, Oxford, v. 35, n. 1, p. 196–197, 2023.
- ORTIZ, R. Anotações sobre o universal e a diversidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, jan./abr. 2007.
- ORTIZ, R. **Um outro território**: ensaios sobre a mundialização. 2. ed. São Paulo: Olho D’água, 1999.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico]. 1ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVEIRA, P. C. B. **Etnografia da paisagem: natureza, cultura e hibridismo em São Luiz do Paraitinga**. Tese (Doutorado e Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 2008. 218p.

SCHERER, R.; SIDDIQ, F.; HOWARD, S. K.; TONDEUR, J. The more experienced, the better prepared? New evidence on the relation between teachers' experience and their readiness for online teaching and learning. **Computers in Human Behavior**, Amsterdam, v. 139, n. 1, p. 107530, 2023.

SCHIER, R. A. Trajetórias do conceito de paisagem na Geografia. **RA'E GA - O Espaço Geográfico em Análise**. Curitiba, n.7, p. 79-85, 2003.

STIEGLER, B.; PIEPER, J. Leisure in a Technical Age. **Logos: A Journal of Catholic Thought and Culture**, St. Paul, v. 27, n. 1, p. 125-145, 2024.

TROLL, C. A Paisagem Geográfica e sua investigação. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 1-7, jun. 1997.

Endereço dos(as) Autores(as):

Cinthia Lopes da Silva
Endereço eletrônico: cinthialsilva@uol.com.br

Gisele Maria Schwartz
Endereço eletrônico: gisele.schwartz@unesp.br

Emerson Luís Velozo
Endereço eletrônico: emersonvelozo@yahoo.com.br